

Aula 33 – Europa (Parte 2): Periferias e Novas Linhas de Tensão

Europa em Ebulição: Periferias, Tensões e o Novo Mapa Geopolítico

Você já parou para pensar como as notícias sobre a Europa, muitas vezes focadas em grandes potências como Alemanha ou França, escondem uma complexidade ainda maior em suas "periferias"? Essas regiões, embora menos visíveis no noticiário diário, são verdadeiros termômetros das tensões globais e dos desafios que moldam o futuro do continente. Entender a dinâmica dessas áreas é crucial para decifrar o tabuleiro geopolítico atual.

Nesta aula, vamos mergulhar nas entranhas da Europa, explorando as regiões que, por vezes, são vistas como coadjuvantes, mas que desempenham papéis centrais na reconfiguração das alianças e na emergência de novas linhas de tensão. Nosso objetivo é que, ao final deste encontro, você seja capaz de analisar os desafios econômicos e sociais da Europa do Sul, compreender o papel estratégico da Europa Central e Oriental na linha de frente com a Rússia, e desvendar as complexas tensões étnicas e o longo caminho dos Balcãs rumo à integração europeia.

A relevância prática desse conhecimento é imensa. Seja para aprofundar sua visão sobre o cenário internacional, essencial para qualquer profissional que atue em áreas como comércio exterior, relações internacionais ou análise de risco, seja para fortalecer sua base para concursos públicos que exigem uma compreensão aprofundada da geopolítica contemporânea. Prepare-se para conectar os pontos entre a história, a economia e a política, e ver como os eventos de hoje se encaixam em um panorama global em constante mutação.

Nossa jornada começará pelo sul, onde a crise econômica deixou marcas profundas, seguiremos para o leste, onde a sombra da Rússia redefine fronteiras e alianças, e terminaremos nos Balcãs, um caldeirão de culturas e conflitos. Lembre-se da nossa aula anterior sobre a Europa Ocidental e o papel das grandes potências; agora, vamos expandir essa visão para as áreas que sentem o impacto dessas dinâmicas de forma mais aguda.

A Europa do Sul (PIGS): Desafios Econômicos e Sociais Persistentes

Imagine que a economia de um país é como um grande navio. Durante a bonança, todos os navios navegam em águas calmas. Mas quando uma tempestade se aproxima, alguns navios, por sua estrutura ou por terem acumulado mais dívidas, sentem o impacto de forma mais severa. Foi exatamente isso que aconteceu com a Europa do Sul durante a crise financeira de 2008 e a subsequente crise da dívida soberana na Zona do Euro.

Países como Portugal, Itália, Grécia e Espanha – carinhosamente apelidados de **PIGS (Portugal, Italy, Greece, Spain)**, um termo que, embora pejorativo, se popularizou para descrever suas vulnerabilidades econômicas – foram os mais atingidos.

Essa crise expôs fragilidades estruturais que iam muito além da simples gestão fiscal. Revelou economias com menor competitividade industrial, dependência excessiva do turismo e do setor imobiliário, sistemas de bem-estar social caros e, em alguns casos, altos níveis de corrupção e burocracia.

A necessidade de resgates financeiros e as duras medidas de austeridade impostas pela União Europeia e pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) trouxeram consigo um custo social e político enorme. Milhões de pessoas viram seus empregos desaparecerem, seus salários congelarem e seus serviços públicos serem cortados. A confiança nas instituições foi abalada, e o descontentamento popular abriu espaço para o surgimento de novos movimentos políticos, tanto de esquerda quanto de direita, que questionavam a própria integração europeia.

Apesar de a fase mais aguda da crise ter passado, os desafios econômicos e sociais persistem. A recuperação tem sido desigual, e a pandemia de COVID-19 trouxe novas camadas de complexidade, expondo novamente a fragilidade de economias baseadas em setores como o turismo, que foram duramente atingidos pelas restrições de mobilidade. A Europa do Sul continua a ser um laboratório de resiliência, mas também um lembrete constante de que a estabilidade econômica é um processo contínuo e vulnerável a choques externos e internos.



Portugal e Grécia: A Maratona Econômica e suas Lições



Portugal

Reformas incluíram cortes em salários e pensões, privatizações e flexibilização do mercado de trabalho. Saiu do programa de resgate em 2014, com recuperação impulsionada pelo turismo e setor tecnológico.

- Dívida pública ainda alta
- Economia vulnerável a choques externos
- Crescimento do setor tecnológico



Grécia

Enfrentou uma década perdida com desemprego disparado, especialmente entre jovens, e emigração de cérebros. Concluiu programas de resgate mas ainda lida com dívida colossal.

- Desemprego jovem crítico
- Dívida pública colossal
- Necessidade de reformas contínuas

Vamos olhar mais de perto para Portugal e Grécia, dois países que, embora distintos, compartilham a experiência de terem sido submetidos a programas de resgate rigorosos. Imagine que eles estavam correndo uma maratona econômica, e de repente, se viram com pesos extras amarrados aos tornozelos: as medidas de austeridade. Para a Grécia, a situação foi ainda mais dramática, beirando a saída da Zona do Euro, um cenário que teria consequências imprevisíveis para todo o bloco.

A lição aqui é que a recuperação econômica não é apenas sobre números macroeconômicos. Ela tem um impacto direto na vida das pessoas, na coesão social e na estabilidade política. A forma como esses países navegam os desafios pós-crise, buscando um equilíbrio entre a disciplina fiscal e a proteção social, é um exemplo prático de como a geopolítica se manifesta no cotidiano dos cidadãos. A capacidade de um país de se reerguer após uma crise profunda é um indicativo de sua resiliência e de sua capacidade de se adaptar a um cenário global em constante mudança.

Itália e Espanha: Gigantes com Pés de Barro?

Itália



- Terceira maior economia da Zona do Euro
- Dívida pública gigantesca
- Crescimento econômico anêmico há décadas
- Instabilidade política crônica
- Desafio demográfico severo

Espanha



- Boom imobiliário que explodiu em 2008
- Recuperação mais robusta que a Itália
- Altas taxas de desemprego jovem
- Tensões regionais (Catalunha)
- Bancos fragilizados pela crise

Conceito	Âmbito/Aplicação	Base/Origem	Exemplo
Dívida Pública	Capacidade de financiamento do Estado	Acúmulo de déficits orçamentários	Itália: Alta dívida em relação ao PIB, dificultando investimentos
Instabilidade Política	Governança e implementação de políticas	Fragmentação partidária, coalizões frágeis	Itália: Frequente troca de governos, impactando reformas
Desemprego Estrutural	Mercado de trabalho e inclusão social	Falta de qualificação, rigidez do mercado	Espanha: Altas taxas de desemprego jovem persistentes
Dependência do Turismo	Vulnerabilidade econômica a choques externos	Setor de serviços predominante	Portugal: Recuperação baseada no turismo, vulnerável a pandemias

A conexão com a aplicação real/profissional aqui é clara: a saúde econômica da Itália e da Espanha não afeta apenas seus cidadãos, mas tem um impacto sistêmico em toda a União Europeia. Se um desses "gigantes" tropeça, as ondas de choque podem desestabilizar o euro e o mercado financeiro global. Por isso, a capacidade da UE de coordenar políticas e apoiar reformas nesses países é um teste crucial para a sua própria resiliência e para a sua visão de futuro.

Além da Crise: Novas Vulnerabilidades e a Geopolítica dos Recursos

Dependência do Turismo

Modelo que impulsionou a recuperação tornou-se uma faca de dois gumes. Mudanças climáticas e competição global questionam sua sustentabilidade.

Crise Energética

Dependência de cadeias de suprimentos globais para energia. Interrupções como na guerra da Ucrânia afetam diretamente custos de produção.

Transição Verde

Necessária mas exige investimentos massivos. Competição por minerais críticos (lítio, cobalto) pode criar novas dependências.

Escassez Hídrica

Água torna-se fator geopolítico. Regiões do sul da Europa já sofrem com secas prolongadas devido às mudanças climáticas.

A história da Europa do Sul não termina com a superação da crise da dívida. Pelo contrário, ela se desdobra em novos capítulos, onde antigas vulnerabilidades se encontram com as tendências da Nova Desordem Global. Pense em como um corpo que se recuperou de uma doença grave ainda pode ter o sistema imunológico mais frágil diante de novas ameaças. Assim são as economias do sul da Europa, que agora enfrentam desafios como a inflação, a crise energética e a competição por recursos críticos.

Conectando com a aplicação real, entender essas novas vulnerabilidades é fundamental para empresas que operam ou planejam investir na região, bem como para formuladores de políticas públicas. A resiliência de uma economia não se mede apenas por seu PIB, mas por sua capacidade de se adaptar a choques externos, diversificar suas fontes de riqueza e garantir o acesso a recursos essenciais. A Europa do Sul é um microcosmo de como a geopolítica dos recursos e a nova desordem global redefinem as prioridades e os riscos para nações e empresas.

Europa Central e Oriental: A Linha de Frente com a Rússia

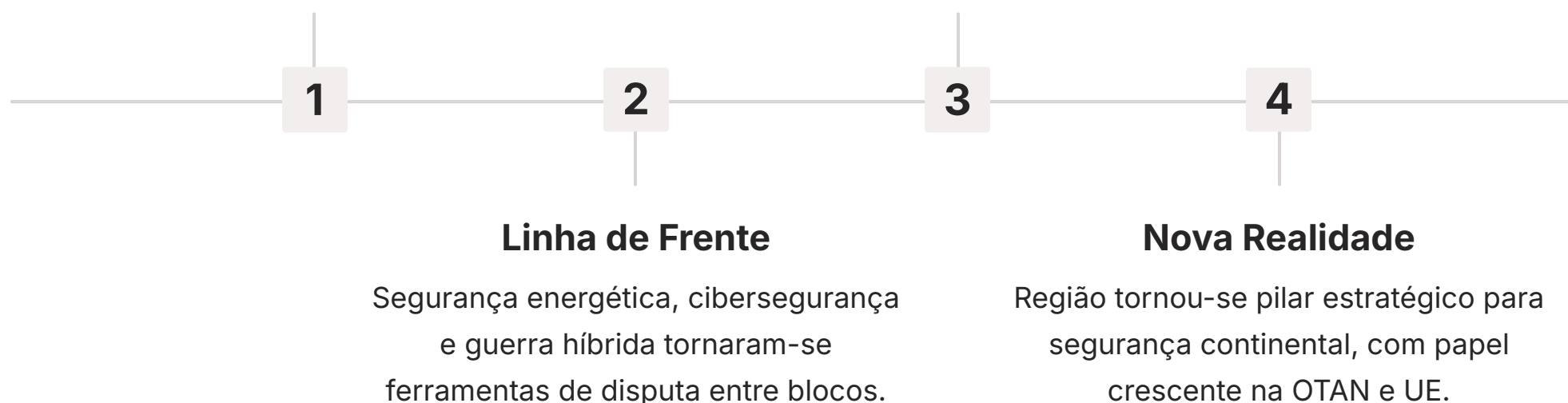
Agora, vamos mudar nosso foco para o leste, uma região que, historicamente, tem sido um palco de grandes transformações e tensões. A Europa Central e Oriental, após décadas sob a influência soviética, emergiu como uma área de intensa integração com o Ocidente, aderindo à União Europeia e à OTAN. No entanto, essa integração não eliminou a proximidade geográfica e histórica com a Rússia, que continua a ser uma força geopolítica dominante na região.

Expansão OTAN/UE

Vista pelo Ocidente como avanço da democracia, interpretada por Moscou como ameaça direta à sua esfera de influência.

Guerra na Ucrânia

Intensificou dramaticamente as tensões, transformando a região em ponto focal da segurança europeia.



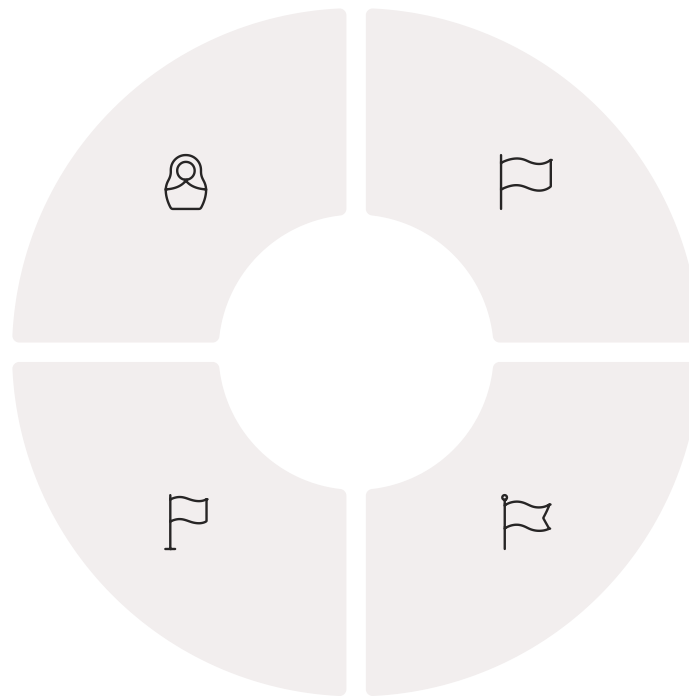
Pense nessa área como uma "zona de contato", onde diferentes placas tectônicas geopolíticas se encontram, gerando atritos e movimentos constantes. A expansão da OTAN e da UE para o leste, vista pelo Ocidente como um avanço da democracia e da segurança, foi interpretada por Moscou como uma ameaça direta à sua esfera de influência. Essa percepção criou uma linha de frente, onde a segurança energética, a cibersegurança e a guerra híbrida se tornaram ferramentas de disputa.

A guerra na Ucrânia, iniciada em 2022, intensificou dramaticamente essa linha de tensão, transformando a Europa Central e Oriental em um ponto focal da segurança europeia. A região se tornou um corredor vital para o apoio militar e humanitário à Ucrânia, e muitos desses países, especialmente a Polônia, receberam milhões de refugiados. Esse conflito não apenas reforçou a percepção de ameaça russa, mas também acelerou o debate sobre a segurança energética e a necessidade de reduzir a dependência do gás russo.

O Grupo de Visegrád (V4): Um Quarteto com Melodias Diferentes

Polônia
Maior economia do grupo, forte posição anti-russa, grande receptor de refugiados ucranianos.

Eslováquia
Membro comprometido da UE/OTAN, mas dependente do gás russo para sua indústria.



Hungria

Postura mais ambígua em relação à Rússia, tensões com UE sobre Estado de Direito.

República Tcheca

Economia industrial robusta, política externa alinhada com posições de Bruxelas.

Dentro da Europa Central e Oriental, o Grupo de Visegrád (V4) – formado por Polônia, Hungria, República Tcheca e Eslováquia – representa um bloco de países com uma história comum de transição pós-comunista e aspirações de integração europeia. Imagine-os como um quarteto musical. Embora toquem a mesma partitura da integração europeia, cada instrumento tem sua própria melodia, por vezes harmoniosa, por vezes dissonante, refletindo suas prioridades e visões políticas distintas.

O V4 foi fundado em 1991 com o objetivo de promover a cooperação regional e facilitar a integração na UE e na OTAN. Eles compartilham interesses em áreas como segurança, infraestrutura e energia. Por exemplo, a busca por diversificação de fontes de energia, longe da dependência russa, é uma pauta comum, embora a Hungria, em particular, mantenha laços energéticos mais fortes com Moscou.

No entanto, as melodias do quarteto nem sempre são uníssonas. Nos últimos anos, surgiram divergências significativas, especialmente em relação a questões como o Estado de Direito, a migração e o futuro da União Europeia. Polônia e Hungria, em particular, têm sido criticadas pela UE por reformas que, segundo Bruxelas, minam a independência judicial e a liberdade de imprensa.

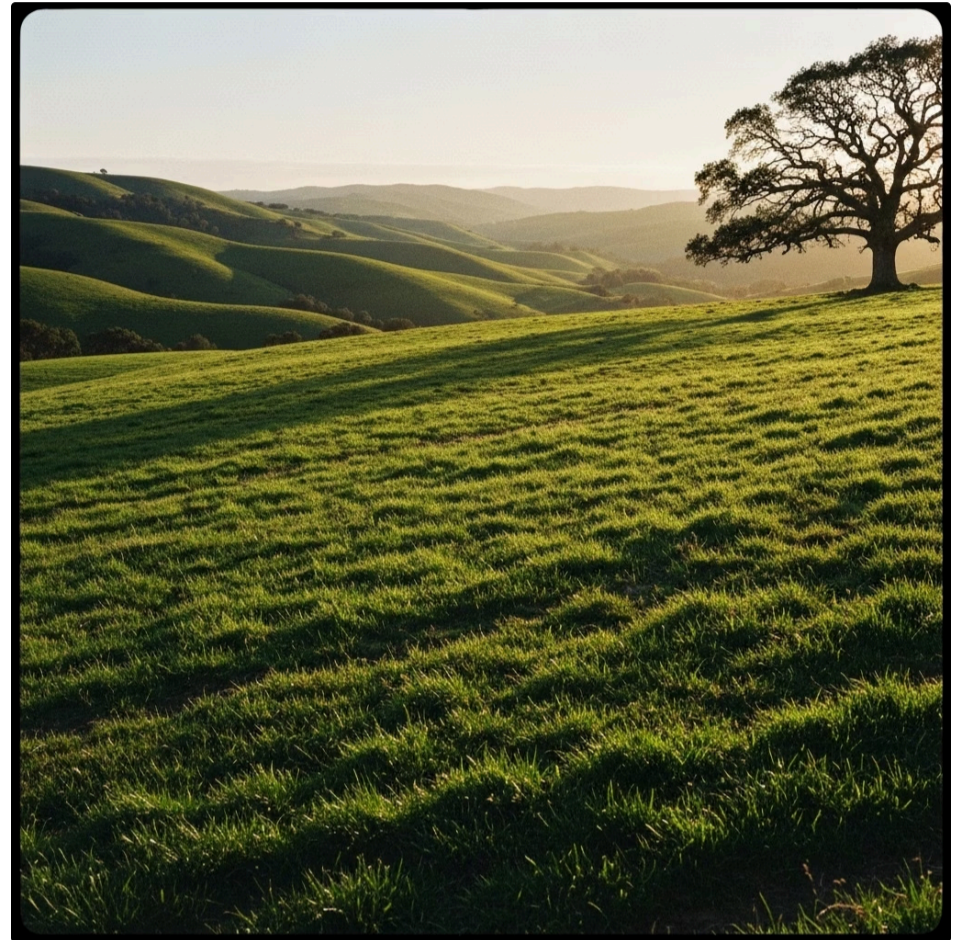
Polônia e Hungria: Caminhos Divergentes na Linha de Frente

Polônia



- Posição firme contra agressão russa
- Maior gasto com defesa na OTAN (% PIB)
- Hub logístico para ajuda à Ucrânia
- Política externa alinhada com EUA
- Milhões de refugiados ucranianos

Hungria



- Postura pragmática com Moscou
- Laços econômicos e energéticos com Rússia
- "Democracia iliberal" de Orbán
- Atritos constantes com Bruxelas
- Críticas sobre Estado de Direito

Dentro do V4, Polônia e Hungria se destacam por suas abordagens distintas em relação à Rússia e à União Europeia, revelando a complexidade de ser uma "linha de frente". Pense em dois irmãos que cresceram na mesma casa, mas que, ao se tornarem adultos, escolheram caminhos de vida muito diferentes, embora ainda compartilhem laços familiares.

A Polônia, com sua longa história de dominação russa e soviética, tem sido uma das nações mais vocais e firmes na condenação da agressão russa à Ucrânia. O país tem investido pesadamente em sua modernização militar, tornando-se um dos maiores gastos com defesa na OTAN em termos percentuais do PIB. Além disso, a Polônia se posicionou como um hub logístico crucial para o envio de ajuda à Ucrânia e para o acolhimento de refugiados, consolidando sua imagem como um ator-chave na segurança europeia.

A Hungria, por outro lado, sob a liderança de Viktor Orbán, tem adotado uma postura mais pragmática e, por vezes, ambígua em relação a Moscou. Apesar de ser membro da UE e da OTAN, a Hungria mantém laços econômicos e energéticos significativos com a Rússia e tem sido criticada por sua retórica e políticas que, segundo alguns, minam os valores democráticos e o Estado de Direito.

República Tcheca e Eslováquia: Equilíbrio e Dependência Energética

85%

Dependência Energética

Eslováquia: Alta dependência do gás russo cria dilemas de política externa

45%

Diversificação

República Tcheca: Esforços para reduzir dependência energética russa

€2.5B

Investimentos

Montante em infraestrutura energética para diversificação de fontes

Ao lado de Polônia e Hungria, a República Tcheca e a Eslováquia completam o Grupo de Visegrád, mas com perfis um pouco diferentes, mais alinhados com a visão ocidental da União Europeia. Imagine-os como os membros mais "centristas" do quarteto, buscando um equilíbrio entre a soberania nacional e a integração europeia, embora ainda lidando com desafios históricos e econômicos, especialmente a dependência energética.

A República Tcheca, por exemplo, tem uma economia industrial robusta e é um membro ativo da UE e da OTAN. Embora tenha suas próprias preocupações com a influência russa, sua política externa tende a ser mais alinhada com as posições de Bruxelas e Berlim do que a de Budapeste. O país tem se esforçado para diversificar suas fontes de energia e reduzir a dependência do gás russo, um processo que foi acelerado pela guerra na Ucrânia.

A Eslováquia, por sua vez, também é um membro comprometido da UE e da OTAN, mas sua economia é particularmente dependente do gás russo. Essa dependência cria um dilema: como apoiar as sanções contra a Rússia e a Ucrânia sem comprometer sua própria segurança energética e a estabilidade de sua indústria? Esse é um exemplo clássico de como a geopolítica dos recursos críticos molda as decisões de política externa de um país, mesmo quando há um alinhamento ideológico com um bloco maior.

A guerra na Ucrânia reforçou a percepção de que a Europa Central e Oriental é uma região de "linha de frente" não apenas militarmente, mas também economicamente. A necessidade de construir resiliência contra choques externos, seja por meio da diversificação de suprimentos, do investimento em energias renováveis ou do fortalecimento da cibersegurança, tornou-se uma prioridade máxima.

Os Bálcãs: Tensões Étnicas e a Longa Estrada para a Integração Europeia

Agora, vamos nos mover para uma das regiões mais complexas e historicamente voláteis da Europa: os Bálcãs. Conhecida como o "barril de pólvora da Europa" no início do século XX, a região continua a ser um mosaico de tensões étnicas, religiosas e políticas, mesmo décadas após o fim das guerras iugoslavas. Imagine os Bálcãs como uma complexa tapeçaria, onde cada fio representa um grupo étnico, uma religião ou uma memória histórica, e onde alguns desses fios estão constantemente em atrito, ameaçando desfazer o tecido.

01

Desintegração da Iugoslávia

Anos 1990: Legado de fronteiras contestadas, minorias étnicas dispersas e feridas não cicatrizadas

03

Supervisão Internacional

Presença de forças de paz e supervisão externa ainda necessárias em algumas áreas

02

Estruturas Políticas Frágeis

Países como Bósnia, Kosovo e Sérvia ainda lidam com consequências diretas dos conflitos

04

Aspiração Europeia

Integração à UE como força motriz para reformas, mas processo lento e cheio de obstáculos

A desintegração da Iugoslávia nos anos 1990 deixou um legado de fronteiras contestadas, minorias étnicas dispersas e feridas que ainda não cicatrizaram. Países como Bósnia e Herzegovina, Kosovo e Sérvia ainda lidam com as consequências diretas desses conflitos, com estruturas políticas frágeis e uma forte polarização interna. A presença de forças de paz internacionais e a supervisão externa ainda são necessárias em algumas áreas, o que demonstra a fragilidade da paz e a persistência das tensões.

A aspiração de muitos desses países de se integrarem à União Europeia é uma força motriz para reformas, mas o caminho é longo e cheio de obstáculos. A UE exige o cumprimento de critérios rigorosos em áreas como Estado de Direito, combate à corrupção e respeito aos direitos humanos, além da resolução de disputas bilaterais. No entanto, o processo de alargamento tem sido lento, gerando frustração e, por vezes, abrindo espaço para a influência de outros atores globais, como a Rússia e a China.

Bósnia e Herzegovina, Kosovo, Sérvia: Conflitos Não Resolvidos e Influências Externas



Bósnia e Herzegovina

Estrutura política complexa criada pelos Acordos de Dayton (1995). Divide poder entre bósnios, sérvios e croatas, mas perpetua divisões étnicas.

- República Srpska ameaça separação
- Governança dificultada
- Instabilidade constante



Kosovo

Independência declarada em 2008, mas não reconhecida por Belgrado e alguns países da UE/ONU. Situação de "conflito congelado".

- Soberania contestada
- Tensões constantes com Sérvia
- Disputas sobre fronteiras e símbolos



Sérvia

Aspira à integração europeia mas mantém laços históricos com a Rússia. Apoio russo na questão do Kosovo e fornecimento de energia.

- Relação ambígua com UE e Rússia
- Investimentos chineses crescentes
- Preocupação da OTAN

Dentro do complexo cenário dos Balcãs, Bósnia e Herzegovina, Kosovo e Sérvia representam os pontos mais sensíveis, onde as feridas do passado ainda sangram e as influências externas se chocam. Pense em um jogo de xadrez onde cada peça representa um grupo étnico ou um interesse político, e onde potências externas estão constantemente movendo suas próprias peças no tabuleiro.

A Sérvia, embora aspire à integração europeia, mantém laços históricos e culturais fortes com a Rússia, que a apoia na questão do Kosovo e é um importante fornecedor de energia. Essa relação com Moscou é uma fonte de preocupação para a UE e a OTAN, que veem a influência russa nos Balcãs como um fator desestabilizador. Além disso, a China tem aumentado sua presença econômica na Sérvia através de investimentos em infraestrutura, adicionando outra camada à complexa teia de influências externas.

A compreensão desses conflitos não resolvidos e das influências externas é fundamental para qualquer análise sobre a estabilidade dos Balcãs. Para profissionais, isso significa que o risco político e a incerteza regulatória são fatores importantes a serem considerados ao lidar com a região. A capacidade de navegar essas complexidades é um diferencial em um mundo onde as linhas de tensão são cada vez mais difusas.

Macedônia do Norte, Albânia, Montenegro: Aspirantes à UE e Desafios Internos

Macedônia do Norte



- Mudança de nome para resolver disputa com Grécia
- Abertura para OTAN e UE
- Desafios: corrupção e reformas judiciais

Albânia



- Progressos em reformas
- Crime organizado persistente
- Governança frágil

Montenegro



- Mais avançado nas negociações UE
- Investimentos chineses em infraestrutura
- Preocupações sobre sustentabilidade da dívida

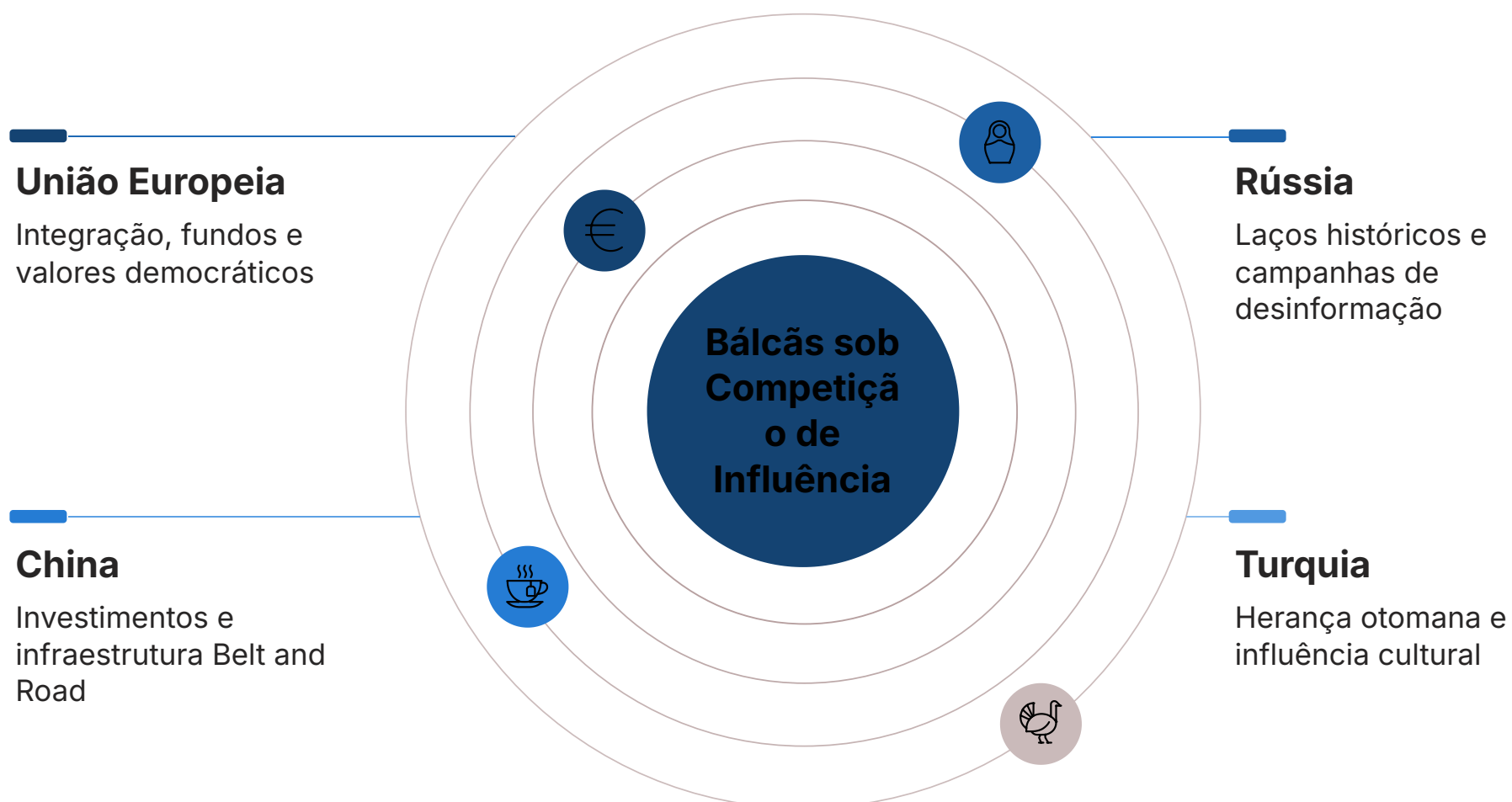
Além dos focos de tensão mais evidentes, outros países dos Balcãs Ocidentais – como Macedônia do Norte, Albânia e Montenegro – também trilham a longa e árdua estrada rumo à integração europeia. Pense neles como corredores de uma maratona, onde a linha de chegada é a adesão à UE, mas o percurso é cheio de obstáculos como a corrupção, o crime organizado e as disputas bilaterais.

A Macedônia do Norte, por exemplo, teve que mudar seu nome de "Macedônia" para resolver uma disputa de décadas com a Grécia, que bloqueava seu caminho para a OTAN e a UE. Essa mudança, embora dolorosa para alguns, abriu portas, mas o país ainda enfrenta desafios internos como a corrupção e a necessidade de reformas judiciais. A Albânia, por sua vez, também tem feito progressos em reformas, mas o crime organizado e a governança frágil continuam sendo barreiras significativas para sua adesão plena.

Montenegro, o menor dos três, é um dos que mais avançou nas negociações de adesão à UE, mas também enfrenta desafios relacionados à corrupção e à influência de atores externos, incluindo a Rússia e a China. A presença crescente de investimentos chineses em infraestrutura, por exemplo, levanta preocupações sobre a sustentabilidade da dívida e a soberania nacional.

Essa dinâmica é um exemplo prático de como a geopolítica não é apenas sobre conflitos, mas também sobre a competição por influência e a capacidade de oferecer modelos de desenvolvimento e integração. Para quem atua em relações internacionais ou desenvolvimento, entender as aspirações e os obstáculos desses países é fundamental para projetar cenários e estratégias eficazes.

Geopolítica dos Bálcãs: Competição por Influência e a Nova Desordem Global



Os Bálcãs, com suas complexidades internas e sua localização estratégica, tornaram-se um palco para a competição por influência entre grandes potências, um reflexo claro da Nova Desordem Global. Imagine a região como um tabuleiro de Go, onde cada jogador (UE, Rússia, China, Turquia) tenta cercar e controlar o máximo de território possível, sem necessariamente entrar em confronto direto, mas sim através de investimentos, diplomacia e apoio a facções locais.



União Europeia

Principal parceiro comercial e maior doador, mas criticada pela lentidão do processo de alargamento. "Porta semiaberta" permite entrada de outros atores.



China

Expansão via Belt and Road Initiative, investindo em infraestrutura. Preocupações sobre sustentabilidade da dívida e dependência econômica.



Rússia

Utiliza laços históricos, culturais e religiosos para manter influência. Campanhas de desinformação e apoio a movimentos nacionalistas.



Turquia

Herança otomana para aumentar influência cultural e econômica, especialmente em áreas com populações muçulmanas.

A Guerra Híbrida e a Cibersegurança são ferramentas cada vez mais utilizadas nesse jogo de influência. Campanhas de desinformação visam minar a confiança nas instituições democráticas e na integração europeia, enquanto ataques cibernéticos podem desestabilizar infraestruturas críticas. Os Bálcãs, com suas instituições ainda em desenvolvimento, são particularmente vulneráveis a essas táticas.

Essa competição por influência nos Bálcãs é um exemplo vívido de como a Nova Desordem Global se manifesta em regiões periféricas. Para analistas de risco e estrategistas, é crucial monitorar esses movimentos, pois a estabilidade dos Bálcãs tem implicações diretas para a segurança e a coesão da própria União Europeia. A região é um termômetro das tensões globais, onde a disputa por recursos, narrativas e alianças se desenrola em tempo real.

Conectando os Pontos: Periferias e a Nova Desordem Global

Chegamos a um ponto crucial de nossa jornada. Vimos como a Europa do Sul, a Europa Central e Oriental e os Balcãs, embora geograficamente e historicamente distintos, estão interligados por uma teia de desafios econômicos, sociais e geopolíticos. Essas "periferias" não são meros apêndices do continente; elas são, na verdade, pontos nevrálgicos onde as grandes tendências da Nova Desordem Global se manifestam de forma mais aguda e visível.



Rivalidade Global

Rivalidade EUA-China e ressurgimento da Rússia infiltram-se nas economias do sul através de cadeias de suprimentos, moldam políticas de defesa do leste e alimentam competição por influência nos Balcãs.



Geopolítica dos Recursos

Busca por segurança energética, transição para renováveis e competição por minerais estratégicos (lítio, cobalto, terras raras) e água afetam diretamente a resiliência econômica.



Guerra Híbrida

Campanhas de desinformação, ataques cibernéticos e instrumentalização de tensões sociais visam desestabilizar e criar divisões, minando a coesão interna.

A rivalidade EUA-China e o ressurgimento da Rússia, por exemplo, não se limitam a grandes potências. Eles se infiltram nas economias do sul da Europa através das cadeias de suprimentos globais, moldam as políticas de defesa da Europa Central e Oriental e alimentam a competição por influência nos Balcãs. As alianças globais estão sendo reconfiguradas, e a lealdade ou o alinhamento dessas regiões periféricas se torna um ativo estratégico valioso.

A geopolítica dos recursos críticos é outro fio condutor. A busca por segurança energética, a transição para renováveis e a competição por minerais estratégicos (lítio, cobalto, terras raras) e água afetam diretamente a resiliência econômica e a política externa de todos esses países. A dependência de gás russo na Europa Central, a vulnerabilidade do turismo no sul e a escassez hídrica em algumas áreas dos Balcãs são exemplos de como o acesso a recursos molda o poder e a vulnerabilidade.

Em síntese, as periferias europeias são laboratórios onde a complexidade da geopolítica contemporânea se revela. Elas nos mostram que a segurança e a prosperidade de um continente são tão fortes quanto seu elo mais fraco, e que a interconexão global significa que nenhum problema é verdadeiramente "periférico". Compreender essas dinâmicas é essencial para qualquer um que busque navegar e influenciar o cenário global de 2025 e além.

Consolidação e Próximos Passos

Europa do Sul

Desafios econômicos persistentes, vulnerabilidades estruturais e novas ameaças como crise energética e competição por recursos críticos.

Europa Central e Oriental

Linha de frente com a Rússia, dilemas de segurança energética e papel crescente na defesa europeia pós-guerra na Ucrânia.

Balcãs

Tensões étnicas não resolvidas, competição por influência entre grandes potências e longo caminho para integração europeia.

Chegamos ao fim de nossa exploração pelas periferias da Europa, um continente que, como vimos, é um caldeirão de histórias, culturas e, acima de tudo, de tensões geopolíticas. Percorremos a Europa do Sul, com seus desafios econômicos persistentes, a Europa Central e Oriental, na linha de frente com a Rússia, e os Balcãs, um mosaico de etnias e conflitos não resolvidos. Compreendemos que essas regiões, longe de serem meros coadjuvantes, são atores cruciais na Nova Desordem Global, sentindo o impacto direto da rivalidade entre potências, da competição por recursos e das novas formas de guerra.

Em prática:

A análise geopolítica exige uma visão holística, conectando economia, história e política. Ao avaliar um país ou região, considere não apenas seus indicadores econômicos, mas também suas vulnerabilidades estruturais, sua posição em relação a grandes potências e sua resiliência a novas ameaças como a guerra híbrida. Entender as periferias é entender o todo.

Autoavaliação

1. Qual das seguintes afirmações melhor descreve a principal vulnerabilidade econômica dos países do sul da Europa (PIGS) após a crise de 2008?
 - o a) Alta dependência de exportações de tecnologia avançada.
 - o b) Excesso de investimento em energias renováveis.
 - o c) Fragilidades estruturais, alta dívida pública e dependência de setores como turismo e imobiliário.
 - o d) Forte setor industrial e baixa taxa de desemprego.
2. O Grupo de Visegrád (V4) é composto por quais países e qual é um de seus principais objetivos iniciais?
 - o a) Alemanha, França, Itália, Espanha; promover a integração militar.
 - o b) Polônia, Hungria, República Tcheca, Eslováquia; facilitar a integração na UE e OTAN.
 - o c) Grécia, Portugal, Irlanda, Espanha; desenvolver mercados financeiros.
 - o d) Romênia, Bulgária, Croácia, Sérvia; criar uma união aduaneira.
3. A respeito dos Bálcãs, qual fator é frequentemente apontado como uma fonte persistente de instabilidade na região?
 - o a) Excesso de recursos naturais e disputa por eles.
 - o b) Homogeneidade étnica e religiosa.
 - o c) Tensões étnicas, conflitos não resolvidos e influência de potências externas.
 - o d) Forte integração econômica com a União Europeia.
4. Como a "Nova Desordem Global" e a "Geopolítica dos Recursos Críticos" se manifestam nas periferias europeias, conforme discutido na aula?
 - o a) Apenas através de conflitos militares diretos por petróleo.
 - o b) Pela reconfiguração de alianças, competição por recursos energéticos e minerais, e uso de guerra híbrida.
 - o c) Exclusivamente pela diminuição da influência de grandes potências.
 - o d) Através da completa estabilização econômica e social das regiões.
5. Explique brevemente como a dependência energética de alguns países da Europa Central e Oriental em relação à Rússia impacta suas decisões de política externa, especialmente no contexto da guerra na Ucrânia.

Gabarito:

1. c)
2. b)
3. c)
4. b)
5. A dependência energética da Rússia cria um dilema para esses países, pois, embora muitos condenem a agressão russa na Ucrânia e apoiem sanções, precisam equilibrar essa postura com a necessidade de garantir o fornecimento de energia para suas economias e populações. Isso pode levar a posições mais ambíguas ou a uma busca acelerada por diversificação de fontes, influenciando suas relações com a UE, OTAN e a própria Rússia.

